

Os sertões revisitados: Euclides e Guimarães Rosa

Francis Paulina Lopes da Silva*

RESUMO: Considerações sobre o sertão e o sertanejo, revisitando o discurso literário em Euclides da Cunha, em *Os Sertões* e Guimarães Rosa, em “Pé-duro, chapéu-de-couro”. Pela escrita jornalística e literária, esses autores brasileiros lançam o olhar crítico e intensamente humano sobre o homem, a terra e a luta, elementos já cristalizados na leitura dos sertões, como expressão do universo sociocultural e existencial que forma o sertanejo. Este, “antes de tudo um forte”, torna-se, síntese da identidade do Brasil mestiço, à margem da História oficial.

Palavras-chave: Sertanejo; Euclides da Cunha; Guimarães Rosa; *Os sertões*; “Pé-duro, chapéu-de-couro”.

*“O sertão não chama ninguém às claras;
mais, porém se esconde e acena.
Mas o sertão de repente se estremece debaixo da gente...”*
(ROSA, 1995, p. 330-331)

Introdução

As palavras de Riobaldo, acima citadas como epígrafe, servem de ilustração para o sentido de identidade cultural subjacente no discurso literário de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, como aqui se propõe analisar. À luz de Clifford Geertz, que afirma: “A cultura de um povo é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem eles pertencem” (1989, p. 321), constata-se nesses autores um inesgotável referencial sobre a cultura do *ser-tão*, e mais ainda, uma proposta-síntese da cultura brasileira.

Em suas narrativas, Euclides e Rosa souberam extrair a essência de uma coletividade, fazendo de sua obra literária um depoimento pessoal sobre esse sertão que se esconde acena e “de repente se estremece dentro da gente”. Sob esse ângulo é que se pretende visitar o universo ficcional desses autores, destacando-se alguns aspectos significativos de um projeto de releitura do Brasil, sob a ótica da diferença, da marginalidade.

* Professora Titular do Centro Universitário de Caratinga. Professora Adjunta, aposentada do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Federal de Viçosa. Doutora em Ciência da Literatura – Teoria Literária, pela UFRJ. Mestre em Letras – Teoria Literária, pela UFJF.

1. Euclides: o assombro ante o drama e o mito

No ano de 2009 celebram-se os cem anos de morte de Euclides da Cunha (Rio de Janeiro, 1866-1909), cuja vida, como escritor, repórter de guerra, cronista, poeta, funcionário público, sociólogo, engenheiro e viajante, já explica a multiplicidade de sentidos de sua obra, reunindo criação literária e pesquisa científica.

As várias leituras de *Os sertões*, publicado em 1902, convergem para a constatação de uma obra literária polêmica em todos os tempos, envolvendo vários gêneros – um misto de ensaio histórico, econômico, sociológico, artístico. Análise científica, depoimento, notícia jornalística, ficção... e tantas outras formas discursivas nesta obra vão se configurando para o leitor, em seus múltiplos sentidos. *Os sertões* se tornaram, assim, um referencial sobre a cultura brasileira, como o são *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freire, *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, bem como os textos literários *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro e tantas outras.

Euclides da Cunha foi engenheiro militar, republicano, formado na escola positivista; conviveu com as várias teorias científicas do século XIX, que perpassam todo o discurso de *Os sertões*. Nesse contexto, compreende-se a estruturação determinista da obra, iniciada a partir de aspectos geológicos, variações climáticas, em “A terra”, depois, em análise antropológica, biológica e geologicamente, trata do surgimento do tipo sertanejo “O homem”. Enfim, na terceira parte, irá contextualizar histórica, social e culturalmente a guerra de Canudos (1896-1897), em episódios que descreverá com paixão e simbolismo, a ponto de envolver o leitor na cumplicidade com a sua escritura de denúncia.

A partir da noção de *raça*, termo que, segundo os ideais igualitários da Revolução Francesa, liga-se à de cidadania, Euclides analisa o sertanejo, o homem em seu estado natural, à luz do “bom selvagem” de Rousseau. Mesmo que este represente, no pensamento da época, segundo o determinismo biológico e o darwinismo social, uma raça inferior, como lembra Lília M. Schwarcz: “Os mestiços exemplificavam, segundo essa última interpretação, a diferença fundamental entre as raças e personificavam a ‘degeneração’ que poderia advir do cruzamento de espécies diversas” (SCHWARCZ, 1993, p. 56).

Já na “Nota Preliminar”, Euclides revela seu intento de esboçar “os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil” (CUNHA, 1995, p. 99)¹, ameaçadas de extinção diante do marcha inconsequente pelo progresso que avançaria do litoral e do sul sobre o sertão. Denuncia como “mercenários inconsequentes” os brasileiros: “nós filhos do mesmo solo, vivendo parasitamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa e armados pela indústria alemã” (*Sertões*, p. 99), que justificaram a consumação da barbárie, esmagando, em Canudos, toda a cultura e identidade de um povo. Contraditoriamente, os que deveriam “civilizar” a “sub-raça”, na verdade, causam a morte para homens, mulheres, velhos e crianças.

Entretanto, Euclides insiste, em nota de rodapé, sobre o teor de sua obra: “Não tive o intuito de defender os sertanejos, porque este livro não é um livro de defesa; é, infelizmente, de ataque. Ataque franco e, devo dizê-lo, involuntário” (*Sertões*, p. 100). Assim, já se antecipa o seu ponto de vista de que a Campanha de Canudos representava um retrocesso na formação da consciência nacional, um crime a ser denunciado.

A idéia de que o sertanejo é, sobretudo, um forte funda-se na metáfora da rocha viva, inspirada na solidez e resistência do granito. Quando reconstruía uma ponte que tombara, em São José do Rio Pardo, o engenheiro Euclides da Cunha, encontra no granito uma base tão firme, que o inspirou a desenvolver a correlação entre essa rocha e o homem do sertão.

O sertanejo segundo Euclides da Cunha, sob a perspectiva antropológica, representa o homem do interior que resiste até o fim, não contra a aspereza inevitável da terra e do ambiente natural – realidade a que ele domina e com a qual convive harmonicamente –, mas contra “as loucuras e os crimes das nacionalidades” (*Sertões*, p. 515). Por isso, ele “é, antes de tudo, um forte”, raça superior aos “mestiços neurastênicos do litoral” (*Sertões*, p. 179), mas não tem a beleza e a força atlética, a nobreza de sentimentos da personagem retratada por Alencar.

Em *Os sertões*, é o desafio das situações imprevisíveis que provoca nesse “Quasímodo” a transfiguração em “Hércules”: “[...] da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias” (*Sertões*, p. 180).

¹ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. In: _____. *Obra completa*. Org. Afrânio Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 97-515. As demais citações desta obra terão, entre parênteses, a referência: (*Sertões*, p. ...).

Euclides descreve minuciosamente a cumplicidade homem-natureza, a tal ponto, que, no embate sem tréguas contra as ciladas da vida que enfrenta, o sertanejo vive o transitório dessa natureza, oscilando “[...] de uma estação a outra, de maior exuberância à penúria dos desertos incendiados, sob o reverberar dos estios abrasantes”, pois ele, na análise euclidiana: “É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela talhou-o à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto...” (*Sertões*, p. 183). Assim, os *Sertões* se fazem dessa simbiose em que o homem é talhado em função do meio, a Terra, que minuciosamente também o autor desenha, como importante personagem da saga de Canudos.

Segundo Zilá Bernd, “*Os sertões* constitui-se importante marco por instaurar a modernidade na literatura brasileira” (2003, p. 55). Mas a autora aponta como falha na leitura euclidiana do caráter nacional a exclusão da descendência africana de muitos dos sertanejos da Bahia, exaltados em sua obra. E ainda chama atenção para o valor da obra, enquanto resultado de um novo olhar do autor para a realidade nacional:

Apesar da petrificação discursiva em que recaem certos trechos de *Os sertões* construídos demasiadamente próximos a referentes produzidos pela ciência racista do século XIX, trata-se de uma das grandes obras da literatura brasileira pois nela o autor sabota o seu próprio projeto inicial, passando a adotar a ótica cultural do oprimido, construindo-se assim como aporia, pois ao mesmo tempo em que antevê o fim “das sub-raças retrógradas”, rebela-se contra o crime que Canudos representou (BERND, 2003, p. 57).

Realmente, a ideia de que Euclides “sabota” o projeto inicial, chega ao auge, em seus depoimentos registrados na obra *Canudos – diário de uma expedição* (CUNHA, 1995, p. 517-601) como o desabafo, em um de seus escritos pessoais, em Canudos, 1 de outubro de 1897, solidarizando-se à gente do arraial de Canudos. Inicialmente, ele descreve poeticamente as belas manhãs do lugar:

Não há manhãs que se comparem às de Canudos; nem as manhãs sul-mineiras nem as manhãs douradas do planalto central de São Paulo se equiparam às que aqui se expandem num firmamento puríssimo, como irradiações fantásticas de apoteose. Douram-se primeiro as cristas altas de Cocorobó, Paço de Cima e Canabrava e a onda luminosa sulca-lhe lentamente ascendendo, os flancos abruptos e ásperos semelhantes a uma queimada longínqua, nas serras (CUNHA, 1995, p. 591-592).

Em seguida, tragicamente, o quadro se muda, como se a própria natureza reagisse com indignação, refletindo o drama interior do narrador e a derrota do povo atacado com violência e sem piedade:

Hoje, porém – coincidência bizarra! – observei pela primeira vez uma manhã enevoada e úmida – persistentemente varada por uma garoa impertinente e fina; uma manhã de inverno

Paulista. E quando os primeiros tiros de artilharia ressoaram, dando começo a mais um encontro cruelíssimo com os nossos selvagens adversários, parece-nos que mais lúgubre se tornou a manhã, agravada pela fumarada negra e espessa do bombardeio (CUNHA, 1995, p. 592).

Aqui o narrador se inclui entre a comunidade de Canudos e com ela se identifica, no desabafo, ao referir-se a “nossos selvagens adversários”. Deixa emergir no discurso, pela utilização do pronome possessivo “nossos”, o que, segundo Benedict Anderson, em *Nação e consciência nacional*, define a ideia de nação como “uma comunidade imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana” (ANDERSON, 1989, p. 14). O autor assim a explica:

[...] a nação é imaginada como uma *comunidade* porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal. Em última análise, essa fraternidade é que torna possível, no correr dos últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas, não só matem, mas morram voluntariamente por imaginações tão limitadas (1089, p. 16).

Anderson enfatiza, no discurso da moderna cultura, a utilização do possessivo “nosso”, como uma forma de identificação do indivíduo à sua nação. Este, ao invés de pensar na vida pessoal, utiliza o pronome possessivo pensando no “corpo representativo” (p. 41), expressão reveladora da vaidade de determinado grupo, da qual “emerge uma consciência de conexão [...] sobretudo quando todos compartilham de um única língua-de-Estado” (p. 66).

No discurso ficcional de Euclides da Cunha, essa comunidade imaginada emerge a todo instante, de maneira crítica, nada ufanista, entretanto, sem deixar de implícita a utopia de uma sociedade mais justa e digna.

Na verdade, o que Euclides admira em Canudos e defende como marca de identidade do sertanejo são a persistência, a coragem e a resistência desse povo sertanejo, acostumado às exigências da natureza agreste, buscando a terra, como aliada na luta pela sobrevivência.

Walnice Nogueira Galvão explica esse olhar euclidiano para o sertanejo como um forte, destacando a sua relação do homem com a terra:

O homem dos sertões – pelo que esboçamos – mais do que qualquer outro está em função imediata da terra. É uma variável dependente no jogar dos elementos. Da consciência da fraqueza, para os debelar, resulta, mais forte, este apelar constante para o maravilhoso, esta condição inferior de pupilo estúpido da divindade. Em paragens mais benéficas a necessidade de um tutela sobrenatural não seria tão imperiosa” (GALVÃO, 1998, p. 126).

Nessa postura em defesa do homem sertanejo e seus valores culturais, Euclides se revela, mais que o jornalista ou o cientista, como escritor que combate pela palavra, a serviço

de suas convicções e sensibilidade, reunindo, criticamente, ciência e arte. A narrativa euclidiana, mítica, mas intensamente trágica do genocídio de Canudos, dos excluídos da “terra ignota”, representou o olhar solidário, de assombro e indignação do escritor que fez da palavra a sua denúncia social.

2. Rosa e a contemplação de uma raça

Em Guimarães Rosa (Cordisburgo, 1908-Rio de Janeiro, 1967), escritor, médico e diplomata, o sertão é o espaço simbólico onde se faz a travessia do humano ao espiritual, do regional ao universal. Pela alquimia da palavra e olhar crítico, intensamente humano, Rosa apresenta sua leitura cultural do universo dos sertões das Gerais, a ponto de tornar sua escritura, além de tratado da cultura sertaneja, também uma singular expressão sociocultural e existencial da modernidade.

Assim como acontece com Euclides da Cunha, ao resumir, metaforicamente, no título *Os sertões*, sua leitura do sertanejo, Rosa recorre ao termo “grandes sertões”, para alcançar mais autenticamente a dimensão múltipla desse espaço sociocultural e existencial, tal a sua complexidade. Os “sertões” rosianos se revelam na geografia agreste, nas paisagens, nos variados tipos humanos. Esses, muitas vezes animalizados ou marginalizados, mas com sua diversidade cultural, múltiplos e ilimitados, personificam e divulgam um “lugar sertão”, como o próprio Riobaldo apresenta, ao início de seu relato, em *Grande sertão: veredas*:

O senhor tolere, isso é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuio. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; e onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho da autoridade (ROSA, 1995. v. 2, p. 11).

Diferente do sertanejo segundo a ótica de Euclides, sertão e sertanejo se confundem, em Rosa, também em cumplicidade, como o Hércules/Quasímodo euclidiano, numa busca obsessiva pela sobrevivência, mas indo mais além, a perseguir o sentido da vida, inquirindo a própria identidade. Assim, o sertão se prolonga no íntimo do homem, sempre inquirindo sobre o ser/não-ser...

No livro intitulado *Ave Palavra*, Guimarães Rosa apresenta o homem do sertão num extenso testemunho, em tom de documentário, publicado em *O Jornal*, em 28 de dezembro de

1952. Intitulado “Pé duro, chapéu-de-couro”, o texto reúne, inicialmente, os vários tratamentos do vaqueiro, desde a literatura do Antigo Testamento, na alusão ao velho tema bíblico dos patriarcas: “Antigo veio o tema: o de estrênuos pegureiros, que lutavam com anjos, levantavam suas tendas e vadeavam os desertos – Caldeia e Canaã um rastro de rebanhos, e o itinerário do espírito” (ROSA, 1995, p. 1.035). A imagem do homem espiritual é logo associada ao itinerário de vida austera dos primitivos pastores, com seus rebanhos, a aprender, pelo rude ofício da vida, a domar a alma, perseguindo o itinerário espiritual do povo israelita.

E detendo-se nas várias nuances poéticas evocadas pelo tema pastoril, o narrador refere-se à sua inclusão, posteriormente, como tema literário: “Sem embargo, o *epos*, e por bem que cedo, aqui, em ciclo e gestas se fizesse no folclore, emergiu só mais tarde na literatura” (p. 1.035). Lembra, enfim, as abordagens poéticas bucólicas do período árcade, em *Marília de Dirceu* marcada por uma estética do fingimento. E em contraponto, recorda a real importância de uma *cultura do boi*, na formação brasileira: “Mas o boi e o povo do boi, enquanto tudo, iam em avanço, horizontal e vertical, riscando roteiros e pondo arraiais no país novo” (p. 1.036).

Seguindo o itinerário ficcional brasileiro, Rosa refere-se à idealização romântica do sertanejo, presença marcante na construção de uma identidade nacional, em José de Alencar:

Assim a apanhou Alencar – a figura afirmativa do boieiro sertanejo – passando-a na arte como avatar romântico, daí tomado, bem ou mal, por outros, à maneira regional realista, mas indesejado da sugestão são de epopeia, porquanto sua presença – esportiva, equestre, viril, virtualmente marcial – influi esse tom romanceável, aqui como nos países de perto, de vulto pecuário análogo [...] (p. 1.036).

Enfim, Rosa atribui a Euclides da Cunha o mérito de retratar, e resgatar, pelo texto literário, a real identidade do sertanejo, seus valores, sua estampa, seu código e currículo:

Todavia, foi Euclides quem tirou à luz o vaqueiro, em primeiro plano e como o essencial do quadro – não mais mero paisagístico, mas ecológico – onde ele exerce a sua existência e pelas próprias dimensões funcionais sobressai. Em *Os Sertões*, o mestiço limpo adestrado na guarda dos bovinos assomou, inteiro, já estatuado, dissesse de se desprender. E as páginas, essas, rodaram voz, ensinando-nos o vaqueiro, sua estampa intensa, seu código e currículo, sua humanidade, sua história rude (ROSA, 1995, p. 1.036-1.037).

Realmente, Rosa parece dialogar com Euclides, em sua análise do vaqueiro: “Assim todo sertanejo é vaqueiro. À parte a agricultura rudimentar das *plantações da vazante* pela beira dos rios, para a aquisição de cereais de primeira necessidade, a criação de gado é, ali, a

sorte de trabalhos menos impropria ao homem e à terra” (*Sertões*, p. 184). E ainda, ao descrever “A vaquejada”, Euclides também destaca valores morais, como a solidariedade, a organização, a bravura (Cf. *Sertões*, p. 187).

Guimarães Rosa narra e descreve com tal vivacidade o perfil do vaqueiro, durante um espetáculo a que ele assistia como jornalista e do qual também ele participava como vaqueiro: o congraçamento ímpar de centenas desses, em Caldas do Cipó, na Bahia. Ali, o escritor mineiro se extasia ante a multiplicidade de manifestações da raça sertaneja, e ao mesmo, da inexplicável sintonia de sentir, pensar, reunindo-se numa mesma identidade, aproximados pelo elemento comum: o boi... O sertanejo é, aí, “o homem entre os bois...” (ROSA, 1995, p. 1.048).

Introduzindo um novo conceito, também existencial do homem dos sertões, o jornalista Guimarães Rosa, vaqueiro e ficcionista, engendra poeticamente seu texto-documentário, como Euclides da Cunha, acrescentando ao real o espetáculo imaginário que ele apreende do universo pessoal de cada ser humano – pé duro ou chapéu de couro. Tem-se, pois, nesse artigo rosiano, um excelente estudo antropológico, filosófico e mesmo, uma análise linguística e sociocultural do vaqueiro.

Rosa, vaqueiro entre os vaqueiros, registra as cantigas, seus diálogos e *casos*, ao descrever sua história e trajetória – o aboio, o estouro da boiada, a cavalgada, os lugares onde se concentra o *elenco dos vaqueiros saídos das distâncias*: “Toda nação deles” (p. 1.038), suas vestimentas e costumes, a selaria... Em tudo, apreende e participa, extático, da convenção desses homens que, em sua diversidade, preservam uma mesma identidade: “[...] a olho fácil os suporia afeitos ao rigor de comportamento coletivo, e iguais irmãos por tudo, nos uniformes vermelhos-pardos, pardos-amarelados, diversos somente no grau de mais, menos velhos, em pátina ou desgaste” (p. 1.039).

Essa identidade é também reconhecida nos apetrechos e nas suas montarias, “[...] animais de alma nobre e corpo robusto” (p. 1039), portanto, o espectador Rosa sintetiza na constatação: “Dentro do couro, os homens” (p. 1041).

Enfim, ao concluir o artigo, Rosa apreende a atualidade do exemplo de vida, bravura e de cidadania, que esses homens têm a ensinar: “[...] sua presença é longa lição, sua persistência um julgamento e um recado” (p. 1.051). E ainda chama a atenção para a importância de suas lições de austeridade e ascese: “Mas talvez não estejamos desnecessitados de retornar ‘a luz daquilo que, ainda segundo Huizinga, é a condição primordial da cultura, e que verdadeiramente a caracteriza: a dominação da natureza, mas da natureza humana” (p. 1.052).

Lembrando o próprio espírito nômade de patriarcas bíblicos do Antigo Testamento, que aprendem a transitoriedade da vida e empreendem um itinerário espiritual, sempre em busca de uma identidade própria, tem-se, também na descrição do vaqueiro, segundo Guimarães Rosa, “O vaqueiro é um homem apartado” (p. 1.038), um perfil do homem primitivo e desbravador, em cujo ser solitário, concentram-se virtudes contraditórias: “O vaqueiro nômade fixo, bestiário generoso, singelo herói, atleta ascético. O vaqueiro prudente e ousado fatalista dinâmico, corajoso tranqüilo. O bandeirante permanente. Um servo solitário, que se obedece” (p. 1.046).

Assim, no texto rosiano, o sertão se faz lugar da síntese, onde é possível ser e não ser. Um espaço mais existencial que físico, onde sempre se está a caminho, onde tudo é possível. Para o sertanejo, homem sem raízes, o sertão é sem limites e por isso, “Dois vaqueiros que se encontram, falam em nome de regiões” (p. 1.039).

O sertanejo, em Rosa é, sobretudo, um forte, ao superar-se, ao respeitar e assumir a lei do sertão, onde se cruzam todas as possibilidades, e onde tudo se confere como parte da travessia. Assim Rosa fez da literatura uma forma de constante reflexão sobre a arte perigosa de viver, como ele observara, ainda na entrevista a Günter Lorenz:

Queria libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida. Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo “compromisso do coração”. A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve (Rosa, 1995a, p. 48).

Por isso, Guimarães Rosa elegeu o sertão como espaço da própria identidade, com sua amplitude, mistérios e desrazões, como ele mesmo afirmara: “Levo o sertão dentro de mim e o mundo no qual vivo é também o sertão” (1995a, p. 49).

Considerações finais

Esse breve percurso pelo texto de Euclides, reunindo ciência e arte e pelas veredas textuais de Guimarães Rosa sugere, pois, uma tentativa de leitura da identidade nacional, pela construção de um novo perfil do sertanejo. Em ambos, o olhar para o excluído, solidário e admirado pela riqueza cultural, bravura e capacidade de resistir, já pela própria exigência do contexto vivido.

Tanto Euclides quanto Rosa reúnem depoimentos, tornando literatura e vida inseparáveis, num jogo de ficção e realidade, ao acrescentarem o imaginário ao ponto de vista do contador de história.

Entre o assombro e a indignação do jornalista, como testemunha do massacre de Canudos, a escrita do artista Euclides se posiciona analítica, mas também simbolicamente ante o drama e o mito, denunciando a barbárie e apontando para a contradição entre a raça “civilizada” e a “semi-raça”.

Mas em Rosa, pela contemplação de uma raça, o olhar ao sertanejo vai além das fronteiras do regional, do sociológico; universaliza-se, ao adensar-se na investigação do *sertão* que todo ser humano traz em seu interior. Mais que a leitura idealizada do herói romântico, e também acrescentando a concepção etnográfica e sociocultural do homem interiorano brasileiro genuíno, em combate contra o brasileiro europeizado, contraditoriamente, *civilizado* e *bárbaro* do litoral, Rosa dá ao não convencional a imagem dos *grandes sertões*.

Relendo Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, pelo prazer da leitura, tem-se a oportunidade de visitar criticamente a realidade do homem dos sertões brasileiros. Entretanto, há um século dos acontecimentos de Canudos, pouca coisa mudou no país, em termos do não reconhecimento das populações rurais e dos privilégios cada vez maiores às oligarquias.

Esse *lugar sertão*, terra de ninguém, espaço à margem da escrita da História e excluído da “civilização”, assimila e ultrapassa a noção de espaço físico, geográfico, sociocultural, para tornar-se metáfora dos intrincados embates da alma humana, a cada experiência de que *viver é perigoso*. Como Riobaldo, ambos os narradores – Euclides e Rosa – vão desafiando sua odisseia, que é a saga do próprio homem humano, rude e sensível, instável, mas determinado, em seus princípios, a questionar conceitos e práticas oficiais e instaurar novas possibilidades. Importa mais que tudo, ter a ousadia de crer numa terceira margem e buscar conhecer, acolher e superar os desafios que a vida impõe, sempre tendo como referência o *homem humano*, seus sonhos e lutas em favor de uma comunidade imaginada.

ABSTRACT: Reflexions about the hinterland and its people, reviewing the literary discourse in Euclides da Cunha, in *Os Sertões* and Guimarães Rosa, in “Pé-duro, chapéu-de-couro”. Through journalistic and literary writing, the Brazilian authors cast a critical and intensely human glance about the elements already crystallized in the reading of the hinterland, while expression of the social, cultural and existential universe which makes, the country man. This, “before everything a strong”, becomes, synthesis of the mestizo Brazil identity, on the margin of the official History.

Keywords: hinterland; Euclides da Cunha; Guimarães Rosa; *Os sertões*; “Pé-duro, chapéu-de-couro”.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

COUTINHO, Guimarães Rosa: um alquimista da palavra. In: ROSA, G. João Guimarães. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. I, p. 11-24..

CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Org. Afrânio Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

_____. Os sertões. In: _____. *Obra completa*. Org. Afrânio Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 97-515.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Os sertões – campanha de Canudos: Edição Crítica*. São Paulo: Ática, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LORENZ, Günter. LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, J. G. João Guimarães Rosa. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995a. v. 1, p. 27-61.

ROSA, Guimarães. *João Guimarães Rosa: ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995a. v. I.

_____. *João Guimarães Rosa: ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995b. v. II.

SILVA, Francis P. L. da. O sertanejo em Guimarães Rosa: lugar sertão se divulga. *Gláuks: Revista de Letras e Artes*. UFV, Departamento de Letras. V. 6, n. 1, p. 40-52. Viçosa, Jnan./jul. 2006.

SPERGER, Suzi Frankl. *Guimarães Rosa: signo e sentimento*. São Paulo: Ática, 1982.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *O espetáculo das raças - cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.